
“Horizontes Ameríndios” na antropologia

Dagoberto Lima Azevedo Tukano¹

Douglas da Rosa Kaingang²

Francy Hipamali Baniwa³

Joziléia Daniza Jagso Kaingang⁴

A organização deste dossiê se desenrolou no complexo período da pandemia de COVID-19, uma situação bastante inédita aos seres humanos ao redor do mundo pela extensão dos impactos nas vidas e nas mortes. Todos e todas encontraram dificuldades e desafios nos seus contextos particulares. No caso do mundo indígena, a partir do qual falamos, é com tristeza que temos visto lideranças e professores indígenas percerecem frente a este vírus enquanto o Governo Federal se mantém omissos na contenção desta pandemia. Vale reforçar como estes infortúnios tem ocorrido apesar de as comunidades indígenas no país, de forma geral, estarem seguindo as orientações da Organização Mundial da Saúde.

Devido a este contexto, a comissão organizadora deste dossiê encontrou seus próprios desafios conciliando estudos, aulas, pesquisas e outras demandas dos programas de Pós-Graduação com nossos lugares e responsabilidades nas comunidades, às vezes nos afastando e outras nos aproximando, mas sempre mantendo o foco na importante dimensão do cuidado coletivo. Talvez uma das grandes lições deste estranho momento. Ainda assim, apesar das tristezas e desafios, esta situação tem provado a potente e crescente atuação das lideranças e estudantes indígenas nos espaços acadêmicos onde eles e elas se encontram. Assim, ao lado destes parentes que organizaram e lançaram eventos online, gravaram *podcasts*, que divulgaram amplamente as situações dos diversos povos indígenas, arrecadaram alimentos e colocaram em movimento uma série de outras iniciativas, nós, antropólogos e antropólogas indígenas de

¹ Povo Tukano. Doutorando em Antropologia Social PPGAS/UFAM.

² Povo Kaingang. Mestre em Antropologia Social PPGAS/UFRGS

³ Povo Baniwa. Doutoranda em Antropologia social PPGAS-MN/UFRJ

⁴ Povo Kaingang. Doutoranda em Antropologia PPGAS/UFSC

diferentes etnias e programas de pós-graduação entre norte e sul do país, lançamos a chamada para autores e autoras indígenas comporem esta edição da REIA.

Concebemos esta proposta dossiê a partir do entendimento de que os movimentos de intelectuais indígenas tem crescido e ganhado força nos mais diversos campos das ciências. Além disso, nossas trajetórias enquanto parte destes movimentos tem ensinado como as enunciações indígenas tensionam e rompem com séculos de produções e representações coloniais na antropologia e nas demais áreas da pesquisa. A partir das subjetividades individuais e coletivas, temos distorcido as fronteiras que delimitam as clivagens entre o sujeito e o objeto do conhecimento, antigo estandarte positivista. Assim, campos teórico-metodológico de produção do conhecimento científico são amplificados e atualizados à luz de nossas ontologias, historicidades, territorialidades, pertencimentos e responsabilidades enquanto sujeitos coletivos e membros de comunidades minoritárias no país. Vivemos um momento em que os corpos, o pensamento e as teorias indígena estão na Pós-Graduação ensejando questões conceituais e epistemológicas que merecem empenho analítico e ampla divulgação, mesmo que nosso lugar neste mundo esteja atravessado de precariedades e lutas diversas nos diferentes contextos regionais específicos. Portanto, levando em conta este cenário de transformações e, por que não, de ‘indginização’ do mundo científico definimos o objetivo deste dossiê e lançamos convite aos e às parentes ameríndios para oferecerem suas pesquisas e as interpretações de suas realidades a partir de suas enunciações.

Para tal fim, o dossiê recebeu cinco artigos de autoria de intelectuais indígenas/ameríndios. Vejamos os títulos dos artigos: “Viaje al inframundo & al mundo celeste: misioneros Matsés y chamanes del pasado en el yavarí – am, brasil” (1); “Agenciamento do mundo pelos *kumuã ye’pamahsã*: o conjunto dos *bahsese* na organização do espaço di’ta *n̄hk̄*” (2), “A narrativa de kama-wěéri kití A origem das doenças e males sociais Povo indígena tuyuka (alto rio negro, noroeste amazônico)” (3), “O sertanejo, é antes de tudo, um índio”: afirmações identitárias e estratégias de resistências indígenas no nordeste” (4), “Longy-abaré – O Encontro de Sábios/as da Natureza nas memórias e identidades do povo Xukuru do Ororubá (5). São artigos expressivos e tecidos das experiências como pesquisadores/as, indígenas, relatos de suas comunidades, dos conhecimentos, das epistemologias e teorias dos seus ancestrais. Diante do exposto, a equipe organizadora deste dossier o intitulou de “Horizontes Ameríndios”. Sem a pretensão de aprofundar uma análise teórica sobre a temática do dossiê, mas evidenciar das diversidades de olhares e explicações

dos povos ameríndios. De modo geral, a seleção para os artigos do dossiê que aqui apresentamos passeiam por diversos tipos de linguagens e diferentes estratégias de resistências dos conhecimentos dos seus povos. Diante da sugestão temática, os povos ameríndios são pensados não por um atributo geográfico e nem pelo aspecto único das imagens estereotipadas e ideias preconcebidas, mas por forças produtivas de múltiplos significados que extrapolam fronteiras em decorrências dos movimentos indígenas e dos/das indígenas, dos fóruns de debates, acampamentos livres, encontros, produção de artesanatos e artes indígenas.

Por fim, a equipe organizadora sente-se enobrecida de ter recebidos textos desenvolvidos por autores e autoras indígenas, parentes e colegas antropólogos/as e das ciências humanas. Agora estes ficam disponíveis para serem degustados e para que as vozes dos seus ancestrais ecoem no espaço da academia em busca de continuidade para estes diálogo simétricos com os conhecimentos do não-índio. Agradecemos às autoras e aos autores que puderam dispôr seu texto e atenderam com propósito de colaborar neste dossiê. Gratidão à Maria Cinthia Pio e ao Igor Holanda pelo trabalho de editoração dos artigos e demais membros da comissão editorial da REIA pela oportunidade, em especial Yuri Rosa Neves e Ferdinando A. Armenta Iruretagoyena pela compreensão, paciência, incentivo e diálogo com a equipe organizadora. Desejamos boa leitura e boa escuta das vozes dos ancestrais dos povos ameríndios.